"O HIEROFANTE (*Surgindo na avant-scène, senta-se sobre a caixa do ponto.*) — Senhoras, senhores, eu sou um pedaço de personagem, perdido no teatro. Sou a moral. Antigamente a moralidade aparecia no fim das fábulas. Hoje ela precisa se destacar no princípio, a fim de que a polícia garanta o espetáculo. E se estiole o ríctus imperdoável das galerias. Permanecerei fiel aos meus propósitos até o fim da peça. E solidário com a vossa compreensão de classe. Coisas importantes nesta farsa ficam a cargo do cenário de que fazeis parte. Estamos nas ruínas misturadas de um mundo. Os personagens não são unidos quando isolados. Em ação são coletivos. Como nos terremotos de vosso próprio domicílio ou em mais vastas penitenciárias, assistireis o indivíduo em fatias e vê-lo-eis social ou telúrico. Vossa imaginação terá de quebrar tumultos para satisfazer as exigências da bilheteria. Nosso bando precatório é esfomeado e humano como uma trupe de Shakespeare. Precisa de vossa corte. Não vos retireis das cadeiras horrorizados com a vossa autópsia. Consolai-vos em ter dentro de vós um pequeno poeta e uma grande alma! Sede alinhados e cínicos quando atingirdes o fim de vosso próprio banquete desagradável. Como os loucos, nos comoveremos por vossas controvérsias. **Vamos, começai!**"

(Oswald de Andrade. *A morta*, 1937)

*Em São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas. Livros amontoados no
cantoda sala. OREIDA VELA – ARENA CONTA
TIRADENTES – AUTO DA COMPADECIDA
– MORTE E VIDA SEVERINA – MACÁRIO –
VESTIDO DE NOIVA – A MORATÓRIA. Um
coro entra na sala. Acendem as luzes.*

prólogo:

a cena por vir, ou um palco para as letras em alvoroço

Juliana Caldas*
Lígia Balista**
Luisa Destri***

* Juliana Caldas, editora da Revista Opiniões 8, fez direção teatral na SP Escola de Teatro e é artista-pesquisadora e idealizadora do coletivo Marginalias. Desenvolve no mestrado em Literatura Brasileira (DLCV-USP) dissertação sobre as rupturas formais em *Fluxo-floema*, de Hilda Hilst, e as obras relacionais de Lygia Clark, que conta com financiamento do CNPq. Email para contato: jubsaldas@gmail.com.

** Lígia Balista faz tecido acrobático e lira no circo, é professora de yoga e estudou Gil Vicente e João Cabral de Melo Neto no mestrado. É editora da Revista Opiniões 8, doutoranda em Literatura Brasileira (DLCV-USP) e bolsista Fapesp, com projeto de pesquisa sobre a obra do dramaturgo Carlos Alberto Soffredini. Email para contato: ligiabalista@gmail.com.

*** Luisa Destri, editora da Revista Opiniões 8, desenvolve no doutorado em Literatura Brasileira (DLCV-USP) tese sobre a poesia de Murilo Mendes, que conta com financiamento da Capes. É mestre em Teoria e História Literária pela Unicamp, com a dissertação "De tua sábia ausência: a poesia de Hilda Hilst e a tradição lírica amorosa" (2010). Email para contato: luisadestri@gmail.com.

"Quarenta milhões de nacionais ainda
não produziram um ator.
Somos quarenta milhões de atores. O brasileiro
representa uma civilização que não tem.
Por isso talvez nosso drama não possua
ainda uma expressão de palco.
Ao primeiro que sair da vida
para a cena, dedico esta peça"
(Oswald de Andrade por ocasião do lançamento de
O rei da vela, nos anos 1930)

Se a especificidade da literatura é a leitura, muitas vezes silenciosa e solitária, de um texto impresso, no teatro cabe à voz e ao corpo dos atores, à encenação e ao público presentificar uma obra que se realiza no instante. É esse par texto e cena que marca a relação ambígua e instável entre literatura e teatro.

Histórica e teoricamente problemática, essa relação assumiu as mais diversas configurações ao longo do tempo, sendo um terreno espinhoso para a crítica especializada, seja ela oriunda dos estudos literários, esteja ela atrelada aos estudos das artes cênicas. Pensando na carência de pesquisas que enfrentem o desafio do hibridismo dessas linguagens nos cursos de Letras, reservamos este número da Opiniões – Revista dos alunos de Literatura Brasileira para discutir **A literatura em cena**.

As diversas vozes sobre esse amplo tema estão organizadas nesta revista em três atos. O primeiro, **Reconhecimento**, reúne artigos acadêmicos do dossiê temático e uma coletânea de pontos de vista sobre o assunto, colhidos em entrevistas realizadas com atores, encenadores, pesquisadores e dramaturgos, trazendo à tona um painel amplo de como o texto e a cena podem dialogar ou afetarem-se mutuamente; no segundo, **Peripécia**, experimentos literários de jovens autores recebem comentários críticos feitos por pesquisadores da área de literatura; **Catarse**, o terceiro, amplia a discussão sobre A literatura em cena no contexto universitário a partir da entrevista inédita com a professora aposentada do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada Iná Camargo Costa e do artigo sobre o ensino de dramaturgia nas faculdades de Letras do professor João Roberto Faria, da área de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

A vasta discussão possibilitada pelo dossiê temático se evidencia na pluralidade de vozes e de tempos históricos contemplados nos artigos do **Ato I**. Um autor clássico da dramaturgia brasileira do século XIX é resgatado em “Martins Pena, um homem do teatro na crítica literária brasileira”, que questiona os motivos de sua problemática inserção na crítica; contemporâneo, “Itamar Assunção: performance, canção e afrobrasilidade” evoca discussões atuais

em torno da performatividade e das identidades no entrecruzamento das fronteiras entre as linguagens artísticas.

Importantes textos e autores da história do teatro moderno brasileiro (como Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Vianna e Nelson Rodrigues) e a marcante relação entre a dramaturgia e a política são contemplados em “Arena conta Tiradentes: dilemas estéticos e ideológicos do Teatro de Arena pós golpe de 1964”, “Política e paternidade: a temática social encenada em família” e “A externalidade como estética em *O mez da gripe* e *Anjo negro*: sob uma perspectiva foucaultiana”. Os dilemas e confluências decorrentes da instável relação entre texto e cena surgem também no dossiê, tanto no artigo “Autor e intérprete: a adaptação de *Triste fim de Policarpo Quaresma* para o teatro”, quanto nas tentativas de cercar essa complexa relação, que atores e dramaturgos realizam na entrevista coletiva.

O dialogismo e a tradução, conceitos também presentes na dramaturgia e nas artes do palco, são ressaltados no **Ato II** por meio do texto “Sonho de Piotr”, de Thiago Fernandes, que recebe influência da peça “Pequenos burgueses”, de Maksim Górkii, e é resultado do processo criativo da Cia. Bruta de Arte (SP) intitulado *Pequenos burgueses: rapsódia em duas partes*, conforme também explicita a crítica de Betina Leme. Se não sob a forma dramática tradicional, os textos “Deus ouve as mulheres”, de Gabriela Ananias do Nascimento, e “Marcas de passagem”, de Matheus Gabriel, apresentam traços marcantes da influência que a linguagem teatral e dramática terá sobre a literatura contemporânea, o que também é ressaltado pela crítica de Rodrigo Alves do Nascimento.

Diante do horizonte de possibilidades que esta reunião de textos faz emergir, e como cena aberta no

intuito de inspirar investigações por vir, o **Ato III** traz o artigo do professor João Roberto Faria destacando o enriquecimento que o estudo da dramaturgia pode oferecer para a compreensão de ficcionistas e poetas nacionais que são reconhecidos, sobretudo, por sua obra em prosa ou poesia, mas que também tiveram importantes passagens pela dramaturgia. Encerra o ato e a edição a entrevista “A hora e a vez de Iná Camargo Costa: a dramaturgia em cena”, em que a professora aponta a necessidade de se resgatar a tradição dramática brasileira sob pena de esta ser massacrada pelo produto externo, assim como ocorre com o cinema.

Aos intervalos comparecem imagens de atores em cena e, entre as ruínas gregas e o centro da capital paulista, a lembrança da perenidade das artes cênicas.

As cortinas se fecham mas não encerram a sensação de que há muito a pensar, discutir, problematizar e enfrentar.

Merda!

As editoras.

OBRA ESPELHO DO CÉU DE ANISH KAPOOR
Foto de Luís Villaçã